



## BARTHES COM LACAN: O FANTASMA DO DESEJO NO DIÁRIO DE LUTO

Ana Chiara\*

**Resumo** – “*Che vuoi?* – que quer você?”, a provocação, retirada de Lacan (*Escritos*), repercute a indagação sobre o desejo de texto, sobre o desejo no texto, sobre o fantasma do desejo nos textos de *Diário de luto* e *Incidentes*, livros confessionais de Roland Barthes. Essas modulações sobre esse Outro especular e fantasmático, incluindo-se nesse Outro a própria materialidade da escrita, as inscrições do corpo tematizadas, a confissão barrada pelo signo do silêncio lutuoso e/ou amoroso, serão objetos que pretendo articular neste artigo. O texto é esse Outro que interroga o desejo do escritor: inversão de papéis.

**Palavras-chave:** Roland Barthes. Jacques Lacan. Desejo. Morte. *Diário de luto*.

Ele pede silêncio. Que tudo silencie. Como um lance de dados, um poeta submerge no silêncio. Evoco um dos expoentes da literatura francesa, Mallarmé, em seu poema silencioso e suicida, “Um lance de dados não abolirá jamais o acaso”. Lembro a inauguração dos espaços brancos na página, poema esquivo cujo lance transformou a poesia francesa em poesia moderna. Mas o poeta aqui é Roland Barthes escrevendo as fichas de seu luto. No prefácio do diário, Nathalie Léger explicita o método de escrita do diário: “Escreve a tinta, e por vezes a lápis, em fichas de papel A4 cortadas em quatro”. Os vazios da página são como os mergulhos de um afogado que teima depois de afogado em emergir para mais um respiro. Ele joga com essas fichas a possibilidade louca de preencher um vazio absoluto: *son chagrin, son dégout*: o desgosto pela perda da mãe. Barthes faz do *Diário de Luto* (2009) um livro silencioso cuja demanda é a do “filho eterno”, do bebê agarrado à *sa mère, plongé dans la mer*, “afundado na merda”. Um lamento em tom baixo, cada página branca, ocupada por frases curtas, pequenos parágrafos – feridas abertas – secretando dor, cujo motivo principal é a presença ausente, o fantasma da mãe, o grande Outro a interpelar o seu desejo.

---

\* Professora associada de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), dedica-se à pesquisa nos seguintes temas: corpo, sexualidade, memória, escritas de si. Autora dos livros *Pedro Nava: um homem no limiar* (Eduerj, 2001) e *Ensaio de possessão* (Irrespiráveis) (Caetés, 2006). Bolsista de Produtividade CNPq. E-mail: anac.chiara@gmail.com

Desde a *boutade* sobre o fascismo da Língua, na conferência *Aula*, Barthes fazia um elogio do silêncio. Seu amigo, biógrafo e intérprete Eric Marty (2009, p. 204) observou:

Se o grau zero da escritura, se a escritura branca, vazia ou neutra puderam ser consideradas no passado como o antídoto contra o grande desgaste da língua [...] são dois silêncios especialíssimos – o silêncio místico de Abraão, o silêncio sobre-humano de Nietzsche – que agora são convocados para se oporem não mais à má literatura, mas, de modo mais radical e absoluto, ao incessante, interminável, servil e opressor falatório humano transformado em língua totalitária.

Com efeito, em *Diário de luto*, Barthes relata mal suportar a presença de outros, os clichês de consolo. Concentra-se em medir as variações musicais do luto, seus tempos, ritmos de intensidade ou distensão. Neste breve texto, desejo conferir como esse recolhimento funciona na economia do desejo do sujeito e, lateralmente, numa fenomenologia do luto desgarrado da situação biográfica, empírica, situada.

Com o falecimento da mãe, em 1977, Barthes viveu um tempo-morto, mas não destituído de atividade. Paradoxalmente, o luto se constitui numa época profícua para Roland Barthes, o coração enlutado não impediu o crítico de preparar um curso sobre o Neutro, uma conferência em que estabelecerá uma pequena ética para sua escrita significando também uma prospecção para um *turn point* existencial: "*Depuis longtemps je me suis couché de bonne heure*" e ainda escreveu *Câmara clara* (edição brasileira de 1984).

Nesse Diário, no entanto, o fantasma de sua mãe é trazido pela força da escrita, num tempo suspenso, obsessivo e repetitivo, no qual reina a mãe como figura silenciosa, presidindo os rituais do luto. A essa presença Barthes se dirige, é com quem prolonga uma conversa da vida inteira, presença da qual se traveste, da qual se envulta, com quem troca de lugar: ele, morto; ela, mais que nunca viva. "1 de abril de 1978. De facto, no fundo, sempre isto: como se eu estivesse como morto" (BARTHES, 2009, p. 117).

Em *Luto e melancolia*, Sigmund Freud assinala a identificação com o morto no trabalho do luto. A prolongação desse estado, regido pela dominância da pulsão de morte, faz insurgir no estado psíquico a melancolia, deixando que a "sombra do outro" cubra o sujeito, arrastando-o para um estado mórbido de narcisismo de morte, uma "exclusiva devoção ao luto":

[...] a libido livre não foi deslocada para outro objeto, foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma identificação do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto recaiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado (FREUD, 1974, p. 74).

Persigo pistas do desinvestimento de Barthes tanto quanto a vida comum, como de sua identificação com a sombra do feminino-materno, aqui, sob o emblema da morte. Em 1970, ele publicou *O império dos signos* (*L'empire des signes*), sobre sua viagem ao Japão, e, nesse livro, duas fotos chamam atenção, trata-se do travesti oriental às páginas 68 e 69, nas duas versões, a de travesti montado como mulher e a foto do artista em trajes masculinos, "pai de família cinquentão". Sob a foto do homem, Barthes (1970, p. 69, tradução nossa) escreve:

O travesti oriental não copia da Mulher (*la Femme*), ele a significa: ele não se envenena de seu modelo, ele se destaca de seu significado: a Feminilidade é dada a ler, não a ver: translação, não transgressão; o signo passa do grande papel feminino ao pai de família cinquentão: é o mesmo homem, mas onde começa a metáfora?

A noção do feminino, no diário, encontra-se também aerada, por Barthes, descolada do significado mulher, da referência do corpo biológico; torna-se maleável, leve, crespa como fantasia, como um fantasma. A mãe idealizada torna-se um operador de leitura da figura do luto. Se o masculino é o marcado na cultura e na língua, o feminino pode ser o que se insinua nas brechas, o que está colado e calado no texto. Mantenho a atenção ligada nos conflitos desse signo. Incorporo à noção idealizada e onipotente da mãe-feminino a possibilidade oposta: a noção do luto do masculino. Barthes, ao entregar-se ao fantasma do feminino, liberta-se das carapaças do corpo masculino, do heterossexual, das prisões da convenção do social, do professor, do intelectual. Não é assim o travesti? "Eu sou ativa, passiva e liberada" (DENIZART, 1997, p. 41). A melancolia converte o escritor do diário numa das figuras primordiais de seu "discurso amoroso" a do abandono: ele pode travestir-se da mãe, pode travestir-se de uma "garotinha abandonada", pode encarar o luto nos olhos, tornando-se "o que nos olha, o que nos vê", diria Georges Didi-Huberman:

Tarde triste. Breve ida às compras. Na pastelaria (futilidade) compro um bolo de amêndoa. Ao servir uma cliente, a jovem empregada diz Cá está (*Voilà*). Era o que eu dizia ao levar alguma coisa à minha mãe quando tratava dela. Uma vez, perto do fim, semi-inconsciente, ela repetiu num eco *Voilà* (Cá estou [*Je suis là*]), palavras que passamos a vida toda a dizer um ao outro). [...]

Este *Voilà* da empregada faz-me vir as lágrimas aos olhos (BARTHES, 2009, p. 45).

Pela dobradiça (conferir Gilles Deleuze) do *voilà*, ele se cola ao luto e se descola do empírico-biográfico, convertendo-se no feminino-mortífero. Leio esse encontro com o feminino em órbita, descrevendo um arco histórico em torno do algo mais inatingível, como ele próprio repetidamente diz "uma ferida no coração do amor", "o ponto mais incandescente, mais abstrato" (BARTHES, 2009, p. 45). *Che vuoi?*

A libido entrou em órbita, devotada ao amor, essa tirania abstrata. Amor póstumo, ardente e impossível, que não se importa com a ausência de resposta. Tribunal da pulsão de morte que se impõe violentamente apaga toda a aparência de realidade. É o real espesso, exasperação/exaltação/exalação do feminino. A realidade sem o desejo se torna porosa, enquanto a fantasia pesa uma tonelada, presa, por uma corda, ao desejo, escrevendo uma única e obsessiva carta ao seu próprio fantasma "24 de março de 1978. O desgosto, como uma pedra... ao meu pescoço, no fundo de mim" (BARTHES, 2009, p. 115).

O destinatário é o impossível. Esse Outro ocupa a alteridade radical da ficha onde Barthes anota, quando suporta, uma ou outra rotina, temendo, culposamente, que a intensidade da dor se escoe. Contudo, trata-se sempre do mesmo, pois se trata do Outro de si. Ele escreve para si mesmo. *Strip-tease* frente a espelhos, onde sopra pra enfumaçar sua imagem e afastar de si mesmo o biográfico, os incidentes da vida. Muito concentrado em si mesmo, o biográfico o deixa confuso. Volto à formulação de Jacques Lacan.

Eis porque a pergunta do Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um *Che vuoi?* – que quer você, /é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo [...] (BARTHES, 2009, p. 829).

Contudo, nesse desespero sem sentido, o único gozo parece ser o de não ter de responsabilizar-se pelo vazio inédito do seu desejo, de responsabilizar-se por esse desejo: "Agora sobe (assoma) pouco a pouco em mim o tema sério (desesperado): doravante que sentido para a minha vida?" (BARTHES, 2009, p. 90). A mãe, como o texto do grande Outro, converte-se no desejo de texto para continuar como ele próprio diz, à página 91, a "dor de viver uma outra vida em comum", prolongar o desejo da mãe repercutindo no seu desejo.

[...] (18 de agosto de 1978) tento continuar a viver quotidianamente segundo seus valores: redescobrir um pouco os cozinhados que ela fazia fazendo-os eu próprio, manter sua arrumação da casa, essa aliança da ética e da estética que era a sua maneira incomparável de viver, de fazer o quotidiano [...] (BARTHES, 2009, p. 200).

Ao contrário de algumas discussões acerca do uso do diário, como prática curativa, escrever esse diário prolonga o estado de acédia, requerido pelo luto, afogado na cloaca da tristeza, ele adia o momento de encontro com o real, adia o abandono da fantasia de estar colado ao outro corpo, espelhado no corpo da mãe. "E compreendo que será preciso que me habitue a estar *naturalmente* nesta solidão, a agir nela, a trabalhar nela, acompanhado, colado pela 'presença da ausência'" (BARTHES, 2009, p. 77). Sanguessuga incontentável, a potência, se posso dizer assim, desse diário enlutado vem dessa capacidade de esconder/escamotear/as pistas – e de usar atributos intercambiantes. Ao interpelar o fantasma da

mãe-morte, Barthes, de certo modo, sem enunciar claramente, endereça uma pergunta *Che vuoi?*, em outros termos, o que o meu desejo quer de mim? A pergunta resta sem possibilidade de resposta, pois, presidida por uma pulsão mortífera, permanece barrada, irrespondível.

A morte da mãe, este real insuportável, cria a mãe-morte suplementar no texto, fantasma que o alivia de viver. Em uma das últimas notações do *Diário de luto*, sob o título "Algumas notas sobre *mam*", um estranho presságio. Uma pequena anedota sobre um aviso de uma mulher, "que [diz Barthes] mal conheço". Eis a notação:

Uma mulher, que mal conheço e com quem tenho de me encontrar telefona-me (incomoda-me, tolhe-me) inutilmente para me dizer: desça nesta paragem de autocarro, atenção quando atravessar, não quer ficar para jantar etc.

A minha mãe nunca me disse nada de parecido. Nunca me falou como a uma criança irresponsável (BARTHES, 2009, p. 265).

Para quem, de fato, nunca conheceu o corpo da mulher "27 de outubro – Você não conheceu o corpo da Mulher!", mas apenas a mulher, a fantasia da mãe, esse estranho e idealizado *objeto de desejo* – "Conheci o corpo de minha mãe doente, e depois moribunda" (BARTHES, 2009, p. 12), e que morreu atropelado em estranhas circunstâncias, não ouvir essa sinistra admoestação, por ocasião de um encontro marcado, soa fatal na reconstrução/ficção que faço dos episódios. Parto da hipótese de que, no caso anotado, aquela mulher (que sempre mal conhecemos, mas que não desistimos de inventar, ou seja, nossa mãe ou nossa morte), expressa um desejo sob a forma oracular. Não me surpreende que Roland Barthes não quisesse ouvi-la, pois ouvir seria negociar com o desejo de morte, inscrito no luto diário, no diário do luto. Encarar a esfinge do desejo seria correr o risco de admitir na consciência sua verdade, tarefa arriscada e talvez impossível. A verdade do desejo está protegida pela denegação e, ao mesmo tempo, protege o sujeito do que ele mais quer. Este é o segredo sagrado da verdade: nunca a conhecemos o suficiente para traduzi-la, pois a verdade, segundo Lacan (1998, p. 815), é o que nos falta sempre:

Qual seja, a maneira certa de responder à pergunta: "Quem está falando?", quando se trata do sujeito do inconsciente. Pois essa resposta não poderia prover dele, se ele não sabe o que diz e nem sequer que está falando, como nos ensina a experiência inteira da análise.

Barthes teria o despudor de levar ao extremo seu estado melancólico, mergulhar totalmente no mar/na mãe desse narcisismo de morte? Ou precisou fazer ouvidos moucos ao aviso da mulher, até que um carro, numa rua, cumprisse essa (sua) ordem não formulada? Teria sido um lance do acaso? São minhas especulações apenas, não pretendo tapar esse buraco intratável com uma fórmula de equações geométricas, selando o estojo do desejo

com um "c.q.d.: como queríamos demonstrar". Paro aqui porque, mesmo que falem, a mãe e/ou a morte, por muitos signos, sempre nos reduzirão ao silêncio radical. Como disse Eric Marty, num parágrafo de pura poesia: "A mãe e a Morte são luz, claridade, raios, brilho, radiações, fosforescência, ondas, halo, aura, estrelas mortas, auréola, iluminação espectros" (MARTY, 2009, p. 209).

## Barthes with Lacan: the ghost of desire in *Mourning Diary*

**Abstract** – "Che vuoi? – What do you want?", the provocation, removal of Lacan (Writings), echoes the question about the desire of text, about the desire in the text, about the ghost of desire in texts like *Mourning Diary* or *Incidents*, confessional books of Roland Barthes. These modulations about the "Other" speculate about this and phantasmic, including yourself this Other the very materiality of writing, the inscriptions of themed body, confession barred by the sign of mourning and / or loving silence will be objects that intend to articulate in this article. Text is this Other who questions the desire of the writer: reverse roles

**Keywords:** Roland Barthes. Jacques Lacan. Desire. Death. *Mourning Diary*.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *L'empire des signes*. Les sentires de la création. Paris: Flammarion, 1970.

BARTHES, R. *Diário de luto*. Lisboa: Edições 70, 2009.

DENIZART, H. *Engenharia erótica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: FREUD, S. Edição standard brasileira. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XIV, p. 271-294.

LACAN, J. Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: LACAN, J. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 807-842.

MARTY, E. *Roland Barthes, o ofício de escrever*. Tradução Daniela Cerdeira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.